

COMO O QUE ESTÁ ABAIXO DO PRIMEIRO
PROVÉM DELE; E SOBRE O UNO*

1. Tudo o que existe abaixo do Primeiro tem de provir dele, quer imediatamente, quer através de intermediários. Tem de haver uma ordem de segundo grau e uma ordem de terceiro grau, na qual a segunda volta-se à primeira e a terceira à segunda.

Antes de todas as coisas, tem de existir o Simples, diferente de tudo o que dele advém, auto-existente, e no entanto capaz de estar presente nessas outras ordens. Ele tem de ser uma autêntica unidade: não apenas algo elaborado em uma unidade, e que seria uma falsificação da unidade. Não é possível conhecê-lo ou falar a respeito dele. Ele é descrito como “além do Ser”¹ ou “Sobre-Ser”.² Pois, se ele não fosse algo simples, além de toda coincidência e composição, não seria o primeiro princípio. Intocado pela multiplicidade, ele é auto-suficiente e o

* 7ª *Enéada* na ordem cronológica e *Enéada* V 4 na ordem estabelecida por Porfírio.

1. Cf. Platão, *Parmênides*, 142 a 3-4; *República*, 509 b 9.

2. Termo que também foi adotado por Dionísio Pseudo-Areopagita em sua descrição da teologia negativa ou apofática.

absolutamente primeiro, enquanto o que vem depois precisa do que vem antes, e tudo o que não é simples precisa do simples em si mesmo, como o próprio fundamento de sua existência composta.

Só pode haver um princípio como esse: pois, se houvesse outro, ambos se tornariam um, uma vez que não se trata de princípios corporais. O Uno não é um corpo: nada simples pode ser um corpo, pois o corpo é gerado, mas o Primeiro princípio não o é.³ Apenas um princípio incorporeal e completamente intocado pela multiplicidade poderia ser o Primeiro. Portanto, nenhuma unidade posterior à Primeira pode ser simples: pode ser apenas uma unidade na diversidade.

De onde vem essa [unidade] posterior? Ela tem de vir do Primeiro, pois, se fosse produzida por acaso, o Primeiro deixaria de ser o Princípio de tudo. Então, como ela provém do Primeiro? Se o Primeiro é perfeito, o mais perfeito entre tudo, e é o princípio de todo poder, tem de ser mais poderoso do que todas as coisas, e todos os outros poderes devem imitá-lo na medida de sua capacidade. Assim, quando algo chega à perfeição, vemos que começa a gerar, pois não é capaz de permanecer fechado em si mesmo e engendra algo mais. Isso é verdade não apenas para seres que têm escolha, mas também para seres que crescem e produzem sem escolherem fazê-lo, e mesmo para as coisas sem vida, que compartilham a sua natureza o máximo que podem. O fogo aquece, a neve esfria e os remédios agem de maneira correspondente à sua natureza. Todas as coisas imitam o Primeiro

3. Cf. Platão, *Fedro*, 245 d 1.

princípio e buscam a eternidade e o serviço com o máximo de sua força.

Então, como o Primeiro, o perfeitíssimo Bem, poderia permanecer em si mesmo não querendo dar de si ou incapaz de dar de si, se é o poder produtor de todas as coisas? Como então ele ainda seria o Princípio? Se devem existir coisas diversas dele, então elas dependem dele para sua existência, pois não há outro princípio que as possa produzir. E o que é gerado diretamente por ele também tem de ser muito honorável e embora seja uma ordem segunda em relação ao Princípio tem de ser melhor do que tudo o que vem depois.

2. Se o *gerador* fosse o princípio Intelectual (*nous*), o que fosse *gerado* por ele deveria ser menos perfeito que ele, mas deveria estar muito próximo a ele e ser semelhante a ele. No entanto, como o gerador está acima da Inteligência (*nous*), é necessário que o gerado seja a Inteligência. Mas por que a Inteligência não é o gerador? Porque *o ato da Inteligência é a intelecção*. Isto significa que a Inteligência se torna indeterminada enquanto contemplação, no momento em que contempla o Objeto inteligível [o Ser], mas é por ele determinada e, de certo modo, tornada perfeita. Por isso foi dito: “Da díade indeterminada e do Uno provêm as Formas ou Idéias e os Números”,⁴ pois as Idéias e os Números constituem a Inteligência.

Por isso, a Inteligência não é simples, mas múltipla. Exibe uma certa qualidade composta, sem dúvida de na-

4. Cf. Aristóteles, *Metafísica*, XIII 7, 1081 a 13-15.

seja permanecendo dentro? Mas, se ainda permanece, como, estando dentro, não se adoecer mais? E se saiu, por que o fez? O que lhe aconteceu? Ah, ele se nutria da doença. Então, a doença existia e era diferente do demônio. Além disso, se ele entra sem que haja causa alguma, por que não se adoecer sempre? Porém se havia uma causa, que necessidade há do demônio para que se adoça? A causa basta para produzir a febre. Pois seria ridículo que, ao mesmo tempo em que surge a causa, o demônio esteja imediatamente pronto para como que associar-se à causa.

Ora, pois, está claro como e por que foram essas doutrinas anunciadas por eles; por causa disso, sobretudo, lembramos esses demônios. Deixo as demais teses para vós⁷², para que, lendo-as, as examinem e considerem em todas elas isto: que a forma de filosofia por nós procurada, além de todos seus outros bens, demonstra uma simplicidade de caráter aliada a um pensar puro, procurando a sublimidade e não a presunção, combinando a intrepidez à razão, a muita segurança e precaução e a muitíssima circunspeção; comparem-se as outras doutrinas a esta. O que é seguido pelos outros se erige em sua totalidade em princípios diametralmente opostos; sem mais, pois: é assim que nos convém falar a respeito deles.

15. Isto, principalmente, não nos deve passar despercebido: o que essas doutrinas causam nas almas dos que as ouvem e são persuadidos a menosprezar o

⁷² "Vós" pode referir-se aos discípulos de Plotino. Porfírio nos conta que Plotino compusera este tratado para refutar algumas teses gnósticas e, as demais, incumbiu ao discípulos refutá-las: Amélio escreveu quarenta livros contra o escrito de Zostriano e Porfírio, numerosas refutação contra o de Zoroastro (*Vida de Plotino*, 16, 10ss.).

interfere em uma constituição ou quando, para que não interfira, um remédio seja providenciado. E a imaginação surge com o golpe externo na parte irracional: ela recebe o golpe porque não é indivisa; e as opiniões falsas lhe advêm porque ela se torna exterior ao que é verdadeiro mesmo: e se torna exterior por não ser pura. Mas o desejo voltado para o intelecto é outra coisa: é preciso apenas estar com ele e nele firmada, sem inclinar-se para o inferior.

E o mal não é apenas mal devido ao poder e à natureza do bem: uma vez que se manifestou por necessidade, está cingido por belas correntes, como certos acorrentados com ouro⁶⁶, nelas se oculta para que coisas desairosas⁶⁷ não sejam vistas pelos deuses e que os homens não tenham de olhar sempre para o mal, mas, mesmo quando olharem, convivam eles com imagens do belo para sua reminiscência.

⁶⁶ Não é certo se há aqui uma reminiscência de Sófocles (*Electra* 837-8) ou de Homero (XV, 19-20).

⁶⁷ Trecho problemático: os manuscritos apresentam *oûsa* - "sendo", "estando" -, que faz pouco sentido; vários estudiosos propuseram emendas ao texto: *houito*, "assim" (Schröder); *ákousa*, "involuntariamente" (Theiler); *parôusa*, "estando presente" (O'Meara); e *ámousa*, "coisas estranhas às Musas", "desairosas" (Dodds); esta última, emenda que sigo, foi aceita por Henry e Schwyzer e Igal.